

nara roesler

cao guimarães



cao guimarães

n. 1965, Belo Horizonte, brasil

vive e trabalha em Montevidéu, Uruguai

Os trabalhos de Cao Guimarães são peças audiovisuais expandidas, frequentemente estabelecidas no trânsito entre a película, a partir do uso de Super-8, e o vídeo. Desse modo, sua obra constrói fortes conexões com as artes visuais, sem, contudo, filiar-se de modo determinante a nenhum grupo ou vertente específica. O artista cria, ainda, um inventário de momentos variados e visualmente marcantes da vida cotidiana. Seja capturando a utopia inóspita de Brasília, formigas carregando confetes no fim do carnaval, ou bolhas de sabão flutuando pelos corredores de uma casa vazia, seus trabalhos expandem a ideia e o vocabulário da forma documental através dos meios utilizados.

O artista também trabalha com fotografia, como é o caso da série *Gambiarra*s. Sua habilidade de improvisação dá origem a momentos de estranhamento e fascínio capazes de deslocar nosso olhar para objetos e situações comuns, ressignificando-os a partir da exploração da duração e do foco. A prática fotográfica de Guimarães não se distancia muito de sua produção audiovisual. Ambas partem de premissas documentais daquilo que nos parece habitual. Mesmo a ausência de movimento, característica da imagem fotográfica, é compensada pela sequencialidade e justaposição a outras imagens, compondo séries que poderiam ser fragmentos, ou *frames*, de um filme do artista.

Seus filmes foram exibidos em inúmeros festivais, no Brasil e no exterior, tais como Berlin International Film Festival (2014); Sundance Film Festival (2007); Cannes Film Festival (2005); Rotterdam International Film Festival (2005, 2007 e 2008), entre outros.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Cao Guimarães - Ciclo de filmes*, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), São Paulo, Brasil (2020)
- *Espera*, Instituto Moreira Salles – Paulista (IMS-Paulista), São Paulo, Brasil (2018)
- *Ver é uma fábula*, Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), Fortaleza, Brasil (2018); Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil (2013); Galerie Anita Beckers, Frankfurt am Main, Alemanha (2013)
- *Estética da gambiarra*, Sesc Interlagos (2015), São Paulo, Brasil (2015)
- *Cao Guimarães*, Museu de Arte da Pampulha (MAP), Belo Horizonte, Brasil (2008)

exposições coletivas selecionadas

- *Arqueologias do presente*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- 7ª Bienal Internacional de Arte Contemporânea, Espanha (2018)
- *Art and Space*, Guggenheim Bilbao Museum, Bilbao, Espanha (2017)
- *Video Art in Latin America*, Il Pacific Standard Time: LA/LA (PST: LA/LA), LAXART, Hollywood, EUA (2017)
- 34º Panorama da Arte Brasileira, Brasil (2015)
- *From the Margin to the Edge: Brazilian Art and Design in the 21st Century*, Somerset House, Londres, Reino Unido (2012)

coleções selecionadas

- Fondation Cartier Pour L'art Contemporain, Paris, França
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

capa Reza, 2016 [detalhe de frame]

4	fotografia
5	gambiarras
9	retroatos
12	steps
15	plano de vôo
16	espantalhos
18	sculpture
20	paisagens reais – tributo a guignard
22	de portas abertas
24	campo cego
26	paquerinhas
28	bh

29	curta e média metragem
30	reza
32	vovô
33	palace hotel
34	filme em anexo
36	limbo
38	drawing
39	brasília
40	o pintor joga o cinema na lata de lixo
42	memória
43	o sonho da casa própria
44	peiete
46	sin peso
48	atrás dos olhos de oaxaca
49	quarta-feira de cinzas
51	da janela do meu quarto
53	concerto para clorofila
54	nanofania
55	coletivo
56	inventário de raivinhas
57	histórias do não ver
58	hypnosis
59	word world
60	sopro
62	between – inventário de pequenas mortes

63	longa metragem
64	o homem das multidões
65	elvira lorelay – alma de dragón
66	otto
67	ex isto
68	andarilho
70	acidente
72	a alma do osso
73	rua de mão dupla
75	o fim do sem fim

fotografia



gambiarras 2002–

Gambiarras é uma das mais longas e prolíficas séries fotográficas de Cao Guimarães. Através de imagens, o artista cria um repertório de gambiarra, nome dado às inúmeras soluções improvisadas, propostas pela população brasileira, para os mais diversos problemas cotidianos. A gambiarra tornou-se sinônimo da criatividade popular, justamente pela sua capacidade de transformar objetos a partir de uma necessidade. Em alguns casos, o artista subdivide esse arquivo de imagens em pequenos grupos, os *Nichos de Gambiarra*, que funcionam como uma pequena gramática, ou enciclopédia de soluções de acordo com o espaço ou objeto em que atuam ou substituem, ou sua utilidade. Agrupadas em “banheiros”, “música”, “anotações”, “comida”, “chapéus”, elas estão sempre abertas a reagrupamentos e desdobramentos.



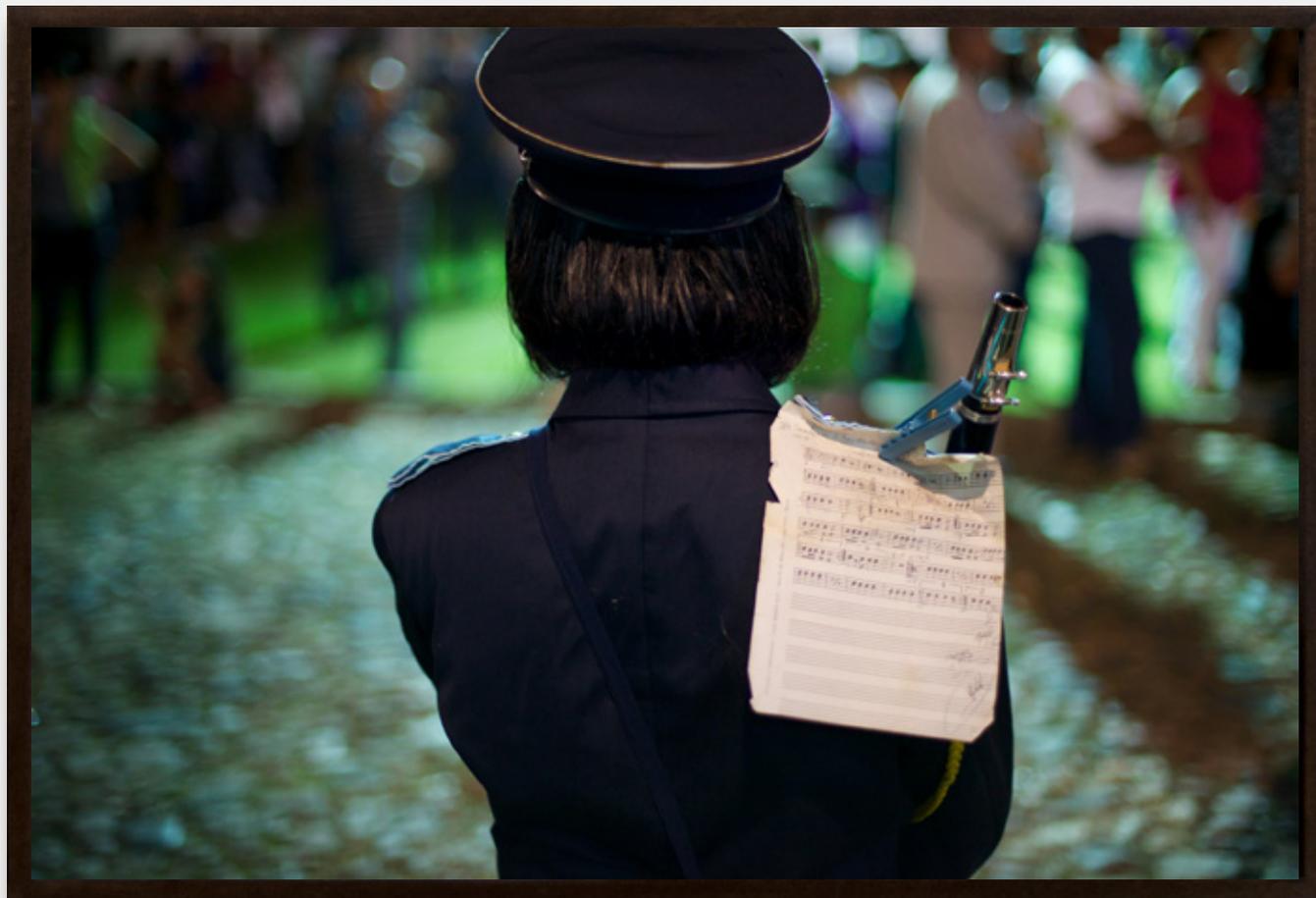
←
Gambiarra # 2, 2005 [detalhe]
fotografia
edição de 3 + 2 PA
60 x 45 cm | 23.6 x 17.7 in

Gambiarras # 59, 2007
fotografia
edição de 3 + 2 PA
45 x 60 cm | 17.7 x 23.6 in



Gambiarra # 2, 2005
fotografia
edição de 3 + 2 PA
60 x 45 cm | 23.6 x 17.7 in

Segundo o curador Rodrigo Moura essa predisposição ao arquivamento no trabalho de Guimarães revela: “uma posição colecionista que me faz lembrar uma declaração do artista, a de que começou a trabalhar como artista no momento em que iniciou sua prática como cinéfilo. Estas imagens nos confrontam com um antigo mote da fotografia: fazer imagens é colecioná-las.” Em 2009, foi feito ainda o múltiplo *Gambiarra caixa*, que contém uma publicação que reúne várias das imagens realizadas pelo artista até aquele momento, acompanhada do vídeo *Mestres da gambiarra*, de 2008, média metragem no qual o artista apresenta três relatos relacionados ao universo dessas estruturas: o de um neurocientista, de um técnico de laboratório e de um autointitulado mestre dos mestres da gambiarra.



Gambiarra # 102, 2010
fotografia
edição de 3 + 1 PA
66 x 100 cm | 26 x 39.4 in

→
Gambiarra #108, 2011
fotografia
edição de 3 + 2 PA
66 x 100 cm | 26 x 39.4 in



retroatos 2016

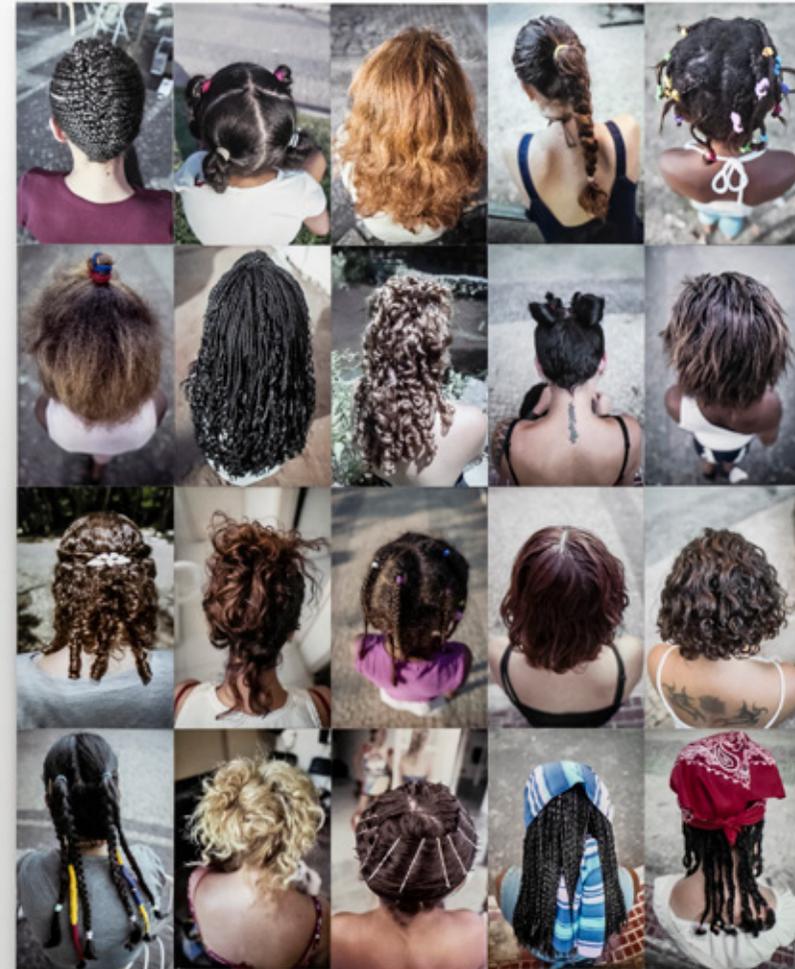
foto e vídeo



Retroatos é uma série fotográfica em que Cao Guimarães investiga e subverte a noção de retratos. Nas imagens, ao invés de nos depararmos com os rostos dos indivíduos, estamos diante de sua obliteração, seja pelo ângulo, ou pela existência de algum aparato que obstrui nossa percepção. Para o curador Ricardo Sadenberg, a série se debruça sobre a “potência do anonimato a que estamos condenados. A contradição de vivermos surdos num mundo hiper-comunicativo. Incapazes de ouvir o outro. O retro pode não ser no tempo, mas no espaço, pois talvez indique que seja um dar as costas uns aos outros, o verso daquilo que queremos ver. O ato pode ser a potência de transformações incessantes desse verso.” O nome do conjunto cria, também, uma palavra-valise, a partir da noção de *retro*, que indica o passado, e *ato*, que indica uma ação. Desse modo, *Retroatos* são uma síntese da própria filosofia da fotografia que captura e eterniza acontecimentos passados.

Retroatos # 10, 1998/2016
inkjet print on cotton paper edition
of 5 + 2 AP
60 x 60 cm | 23.6 x 23.6 in





←
Retroatos # 16, 1990/2016
inkjet print on cotton paper
edição de 5 + 2 PA
40 x 60 cm | 15.7 x 23.6 in

Retroatos # 1, 1998/2016
inkjet print on cotton paper
edição de 3 + 2 PA
20 peças de 49,3 x 32,2 cm (cada) |
20 pieces of 19.4 x 12.7 in (each)

steps 2015

Essa série de quinze fotografias em branco e preto de Cao Guimarães captura o rastro de pegadas sobre um piso empoeirado. Não nos interessa saber quem usava aqueles calçados, ou para onde iam, mas sim refletir sobre a própria ideia de passagem, transitoriedade e memória. Na percepção do curador Moacir dos Anjos: “Aqui, como em vários outros trabalhos, o que mais vale é a captura do ordinário, do sem propósito, do comum que de alguma maneira ordena a vida. Marcas de pisadas que poderiam bem ser, portanto, vestígios dos percursos feitos por aqueles que andam sem rumo certo, à procura do que somente intuem, por estradas do interior do país.”



Sem título, da série *Steps* # 4, 2015
fotografia digital colorida
edição de 5 + 2 PA
75 x 50 cm

→
vista da exposição
Arqueologias no presente, 2021
Nara Roesler São Paulo, Brasil
foto © Flavio Freire





Sem título, da série Steps # 1, 2015
fotografia digital colorida
edição de 5 + 2 PA
75 x 50 cm



Sem título, da série Steps # 3, 2015
fotografia digital colorida
edição de 5 + 2 PA
75 x 50 cm



Sem título, da série Steps # 5, 2015
fotografia digital colorida
edição de 5 + 2 PA
75 x 50 cm

plano de vôo 2015

Nessa série de quatro fotografias em preto e branco, os rastros de pegadas de um pássaro na areia criam um itinerário. Esses pequenos desenhos de caminhos parecem configurar uma espécie de mapa, um tracejado que reordena o espaço a partir da ideia de deslocamento.



Sem título, da série Plano de Vôo (poliptico), 2015
fotografia digital colorida
edição de 5 + 2 PA
40 x 70 cm

→
vista da exposição
Depois, 2015
Nara Roesler São Paulo, Brasil
photo © Everton Ballardin



espantalhos 2009

foto e áudio

“Pareciam congelados em um gesto – apontando algo no horizonte –, um contrapé de dança, um tropeço, um grito. Pareciam congelados para a eternidade, como as múmias, as montanhas e as pedras. Apesar de estarem ali para assustar, provocavam em mim uma intimidade imediata, a arqueologia de uma ludicidade infantil derretendo a minha alma.” Essas são as palavras utilizadas por Cao Guimarães para descrever o fascínio que os espantalhos encontrados em plantações no interior do Brasil exerceram sobre ele. Desse encantamento, surgiu a série de dezesseis fotografias que visa registrar os diferentes tipos, formas e materiais utilizados na confecção dessas estruturas. O conjunto se completa com uma trilha composta pela dupla O Grivo.

Espantalhos # 15, 2009
fotografia e trilha sonora original
de O Grivo
edição de 5 + 2 PA
110 x 70 cm | 43.3 x 27.6 in



Espantalhos # 6, 2009
fotografia e trilha sonora original
de O Grivo
edição de 5 + 2 PA
110 x 70 cm | 43.3 x 27.6 in



Espantalhos # 2, 2009
fotografia e trilha sonora original
de O Grivo
edição de 5 + 2 PA
110 x 70 cm | 43.3 x 27.6 in



Espantalhos # 1, 2009
fotografia e trilha sonora original
de O Grivo
edição de 5 + 2 PA
110 x 70 cm | 43.3 x 27.6 in

sculpture 2009

Com seu olhar apurado para o cotidiano, Cao Guimarães descobre e registra formas que lhe parecem escultóricas. O resultado dessa coleção de imagens constitui uma lição sobre a escultura contemporânea, ao mesmo tempo em que reinveste nosso olhar sobre as construções banais e estruturas feitas ao acaso, tornando nossa percepção sobre o dia-a-dia mais poética.



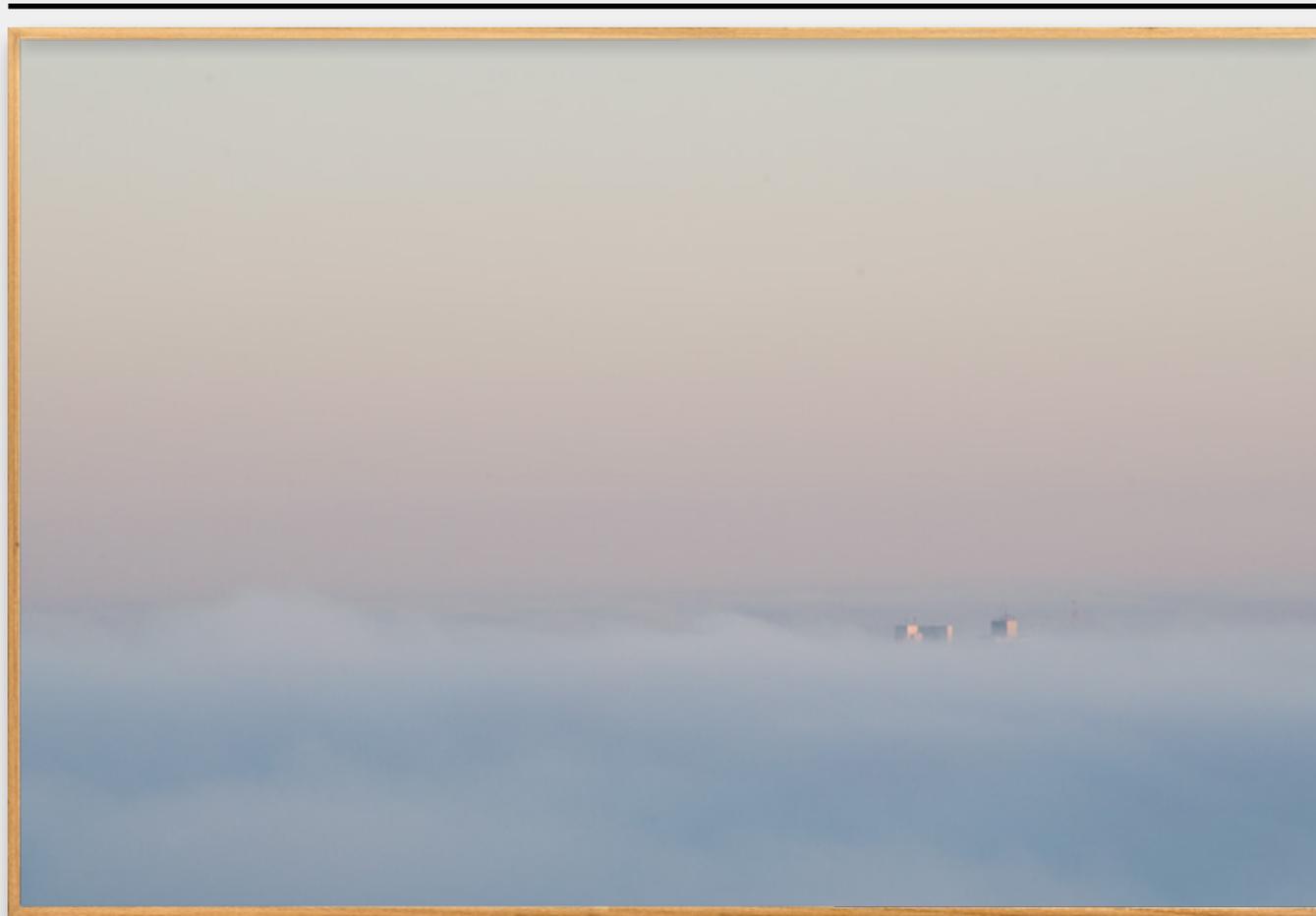
Sculpture # 7, 2009
fotografia e metacrilato
edição de 5 + 2 PA
45 x 60 cm | 17.7 x 23.6 in



Série Sculpture, 2009
fotografia e metacrilato
edição de 5 + 2 PA
45 x 60cm | 17.7x23.6in



Sculpture # 6, 2009
fotografia e metacrilato
edição de 5 + 2 PA
45 x 60 cm | 17.7 x 23.6 in

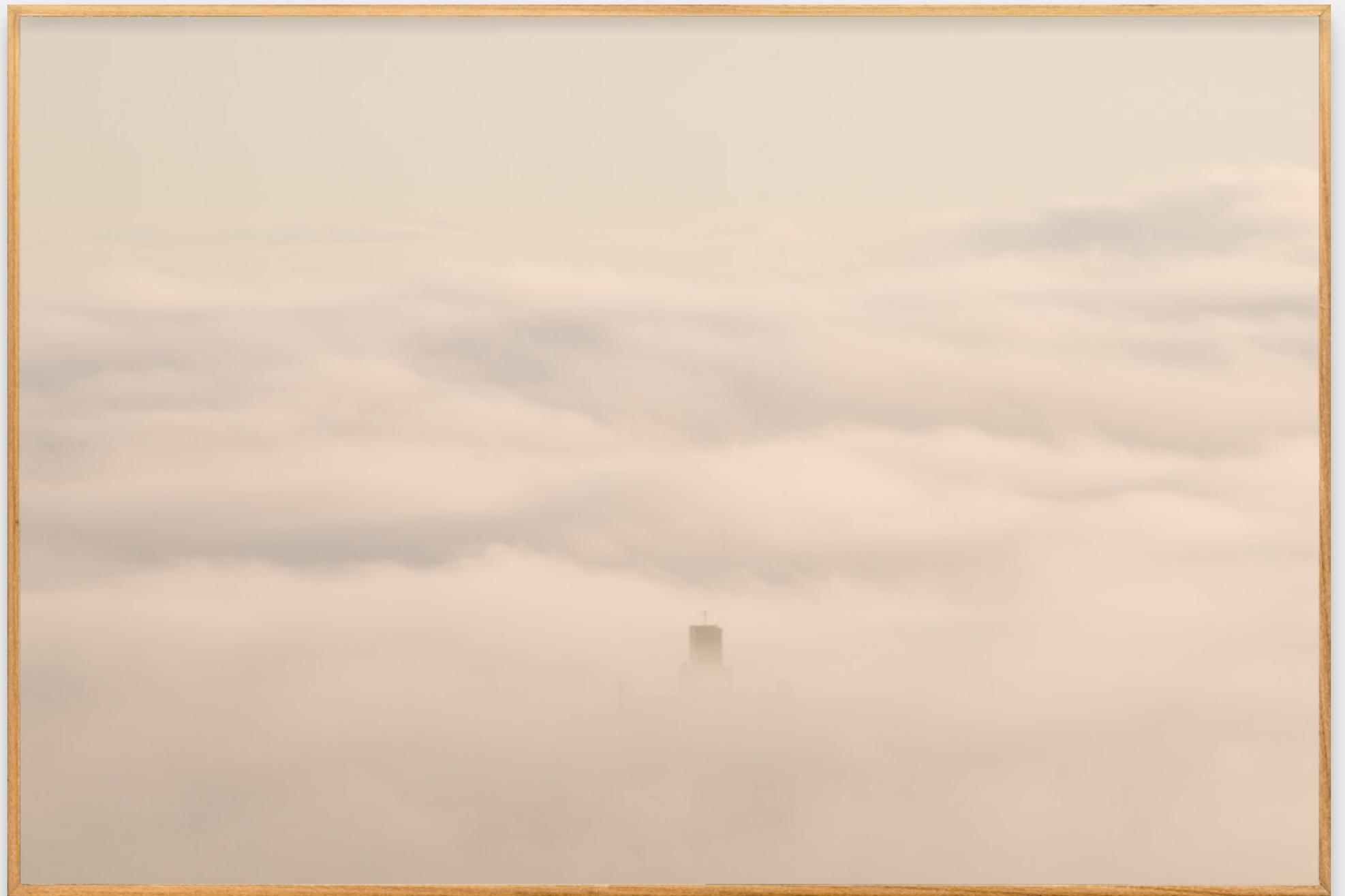


paisagens reais – tributo a guignard
2009

Essa série de paisagens oníricas fotografadas por Cao Guimarães apresenta-nos um mundo coberto por densas nuvens que apreendem e refletem sutis transições cromáticas. Essa atmosfera etérea fez lembrar as cenas criadas pelo também mineiro Alberto da Veiga Guignard, um dos grandes nomes da pintura moderna de paisagem no país.

*Paisagens Reais –
Tributo a Guignard # 2, 2009*
fotografia digital
edição de 5 + 2 PA
53 x 80 cm | 20.9 x 31.5 in

→
*Paisagens Reais –
Tributo a Guignard # 3, 2009*
fotografia digital
edição de 5 + 2 PA
53 x 80 cm | 20.9 x 31.5 in



de portas abertas 2008

A poética do improviso está presente em inúmeros trabalhos de Cao Guimarães. Nessa série de oito fotografias, o artista registra as diferentes formas de se habitar a rua, de se ocupar o espaço urbano com estruturas precárias que subvertem a separação entre público e privado, deixando evidente o espaço tradicionalmente tido como íntimo.





De portas abertas # 3, 2008
fotografia
edição de 3 + 2 PA
60 x 80 cm | 23.6 x 31.5 in

campo cego 2008

As dez fotografias dessa série são registros de estruturas de sinalização encontradas em estradas de terra. Feitas em parceria com Carolina Cordeiro, o que as imagens revelam não é aquilo que é legível como texto, mas seu apagamento. As placas, cobertas de terra ou ferrugem, verdadeiramente incorporam a própria ação da paisagem e do tempo sobre elas.



Campo cego # 03, 2008
fotografia digital colorida
edição de 5 + 2 PA
89 x 133,5 cm | 35 x 52.6 in

→
Campo cego # 08, 2008
fotografia digital colorida
edição de 5 + 2 PA
89 x 133,5 cm | 35 x 52.6 in



Campo cego # 02, 2008
fotografia digital colorida
edição de 5 + 2 PA
89 x 133,5 cm | 35 x 52.6 in



Campo cego # 01, 2008
fotografia digital colorida
edição de 5 + 2 PA
87 x 130 cm | 34.3 x 51.2 in



paquerinhas 2002

A fotografia é uma técnica de captura e transformação da realidade a partir dos mecanismos de enquadramento e foco. Na série *Paquerinhas*, Cao Guimarães compõem a imagem a partir da captura de encontros fugazes entre formas, ou objetos semelhantes, cuja proximidade é ressaltada pelo enquadramento.

Paquerinhas # 7, 2002
fotografia
edição de 5 + 2 PA
100 x 70 cm | 39.4 x 27.6 in



Paquerinhas # 6, 2002
fotografia
edição de 5 + 2 PA
70 x 100 cm | 27.6 x 39.4 in

bh 2002

Um abecedário visual, esse é o conceito que norteia *BH*, série de 26 fotografias. Nas imagens, uma para cada letra do alfabeto, vemos não só o jogo entre imagem e palavra, mas principalmente o modo como esse é afetado pela relação entre memória e identidade, tendo em vista que o trabalho é uma homenagem à cidade natal do artista, Belo Horizonte, ou *BH*.



BH, 2002 [detalhe]
c print
edição de 4 + 2 PA
26 fotografias de 20 x 30 cm (cada)

curta e média metragem



reza 2016

Centrado nos gestos de uma rezadeira, a câmera em close up, segue os gestos de uma velha benzedeira. Esse foco nas pequenas ações ritualísticas, assim como a voz que profere a reza, quase como um sussurro, não nos deixa compreender exatamente do que se trata tal manifestação, qual seu objetivo, assim como a qual religião se liga. Só no momento final, em um pequena frase, entendemos do que se tratava a benção, tomando-a para nós mesmos. A intimidade do vídeo, não nos remete a um mero registro de um acontecimento passado, mas concentra a energia de algo que parece se desenrolar unicamente para nós, como se nos fosse endereçado. Por outro lado, o vídeo também referencia o sincretismo religioso formador da cultura brasileira.

←
Vovô, 2016
vídeo digital HD colorido
edição de 5 + 2 PA
4'31"

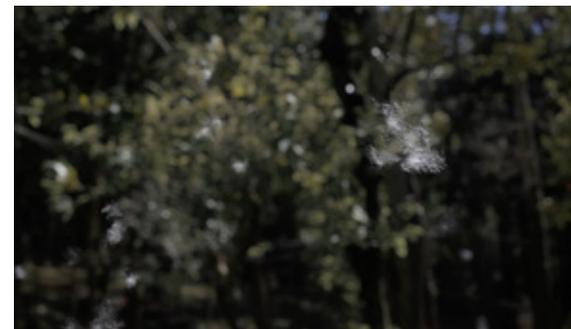
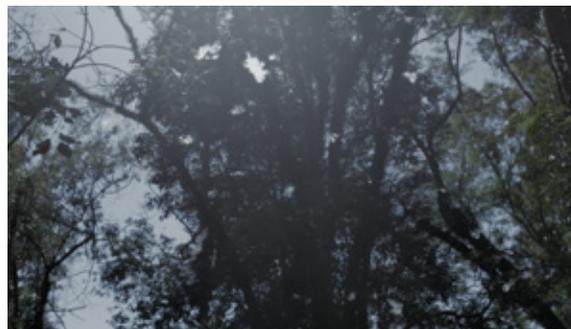
Reza, 2016
vídeo digital HD
edição de 5 + 2 PA
3'55"





vovô 2016

“Nas imagens de Vovô, dezenas de partículas embranquecidas, tal algodão, flutuam mais do que caem em um bosque de imensas árvores”, descreve Consuelo Lins. Essas imagens oníricas, muitas em close up, revelam em detalhes um acontecimento poético que, sendo transitório, acaba ganhando uma hipervisibilidade, a partir do olhar do artista. Uma voz masculina, preenche a cena, sem revelar a figura de seu emissor. Guimarães faz convergir duas imagens, a visual, que vemos na tela, e a acústica, tanto da trilha sonora composta pelo O Grivo, quanto a narrativa do locutor. Este, por sua vez, narra uma afetuosa memória de seu avô que, junto ao lirismo de Guimarães, são capazes de gerar grande comoção no espectador.



Vovô, 2016
vídeo digital HD colorido
edição de 5 + 2 PA
4'31"

palace hotel 2015

As dependências de um hotel vazio. O único sinal de presença humana nos é dado por uma voz que, em *off*, enuncia diversos nomes, ou melhor, apelidos de diversos indivíduos. “José Oncinha, Zé bão, Sancinho, Oditto, Titina...”, enumera esse narrador, legando a nós adivinhar e imaginar as relações entre essas pessoas, questionamos sobre suas trajetórias, encontros e tensões, enquanto os diversos espaços de convívio e de passagem do hotel desfilam diante dos nossos olhos.





filme em anexo 2015

Esse curta, comissionado pelo 34º Panorama da Arte Brasileira, é um filme que reflete sobre seu próprio processo de criação. Ele se inicia com e-mail do curador Paulo Miyada para Cao Guimarães, falando sobre os sambaquis, utensílios feitos por povos que habitaram durante milhares de anos o litoral brasileiro e que serviam de tema para a mostra daquele ano. Segundo Miyada, eles são como uma espécie de monumento às avessas, pois “atuam ao contrário, enfatizando a duração e imponderabilidade do tempo”. As imagens que se segue, por sua vez, são a resposta de Guimarães à proposição, reunindo imagens que mostram elementos capazes de estabelecer uma continuidade entre essa cultura do passado e a atualidade.





limbo 2011

Na tradição católica, o Limbo é como um lugar de espera contínua. Assemelha-se ao purgatório, mas esse, por sua vez, é apenas um lugar de passagem para as almas que ainda precisam expiar seus pecados. No Limbo reside a alma das crianças não iniciadas na religião pela prática purificadora do batismo. No curta-metragem de Cao Guimarães, esse espaço suspenso no tempo é o dos pampas. As cenas do universo infantil apresentadas pelo artista são pontuadas por momentos em que brinquedos de parques públicos movimentam-se sozinhos. Emerge um efeito fantasmal que nos faz pensar nas relações entre ausência e presença, ação e reação, espera e brincadeira.



Limbo, 2011
vídeo digital Full HD
edição de 5 + 2 PA
17'

drawing 2011

Realizado em apenas um plano, o curta enquadra uma superfície sulcada que nos remete a um piso seco. Ouvimos, primeiro, o som da água, antes de vê-la entrar em cena, inserindo-se, pouco a pouco, por entre as brechas do piso, espalhando-se gradativamente até transformar toda aquela superfície, antes seca e clara, em um todo úmido e escuro. Guimarães nos convida a olhar de perto um acontecimento corriqueiro, alçando-o ao patamar estético, o que nos leva a refletir sobre a própria capacidade criadora da natureza.

brasília 2011

A capital do Brasil é um dos símbolos da arquitetura modernista brasileira. Seu plano piloto estrutura e controla a vida de seus habitantes. Cao Guimarães, nesse curta, visa dar vida à essa cidade, que por vezes nos parece fria pelas suas distâncias, ao se aproximar de elementos que lhe dão vida. Surge, assim, uma outra representação dessa cidade, voltada para seus acidentes, fluxos, acasos e confusões, desconstruindo o imaginário utópico que rodeia a cidade sede do poder político brasileiro.



o pintor joga o cinema na lata de lixo 2008

Nesse curta espirituoso, Cao Guimarães se debruça sobre o aspecto concreto, a dimensão objetual do cinema, ou do filme. O protagonista não é o pintor, que pinta a parede em que o filme é projetado, sem de fato atrapalhar sua projeção, mas a própria ideia de tela, de superfície física que recebe e possibilita a fruição das imagens.



El pintor tira el cine a la basura
/ O pintor joga o cinema na lata
do lixo, 2008
HDV / Cor / áudio 5.1
edição de 5 + 2 PA
5'42''



El pintor tira el cine a la basura
/ O pintor joga o cinema na lata
do lixo, 2008
HDV / Cor / áudio 5.1
edição de 5 + 2 PA
5'42''

memória 2008

A câmera fixa foca no para-brisa de um automóvel em movimento. Esse vidro já parece ser uma reafirmação da tela, separando indivíduo e mundo ao mesmo tempo que nos apresenta suas imagens que fruimos sentados. Contudo, se ali vemos se desdobrar uma paisagem que se transforma com o avançar do veículo, em seu centro, o espelho retrovisor enquadra e reflete aquilo que fica para trás. Cao Guimarães nos faz refletir, nesse curta, sobre a permanência do passado, como memória, no avançar para o futuro.





o sonho da casa própria 2008

“Imagens nebulosas, quase etéreas e extremamente delicadas aparecem no vídeo *O Sonho da Casa Própria*, onde o véu da noiva funde-se às telas de proteção que envolvem as construções. Somos levados pelo vento e pela música do grupo O Grivo a olhar essas capas que cobrem os sonhos. O sonho do casamento e o sonho da casa própria em frames de realidade-ficção”, sintetiza o curador Marconi Drummond.

peiete 2007

Peiete é o nome de um cacto nativo do México que possui propriedades psicoativas. No vídeo, nos deparamos com o registro de uma dança tradicional de indígenas mexicanos. Uma criança infiltra-se no bailado dos adultos e aos poucos subverte a ordem comunitária ao introduzir seus próprios passos. A impressão dada pela desconexão entre o grupo e a criança que livremente faz seus movimentos faz pensar nos efeitos alucinógenos do peiete, capaz de instaurar um outro ritmo e percepção do mundo, em descontinuidade com a convencional.



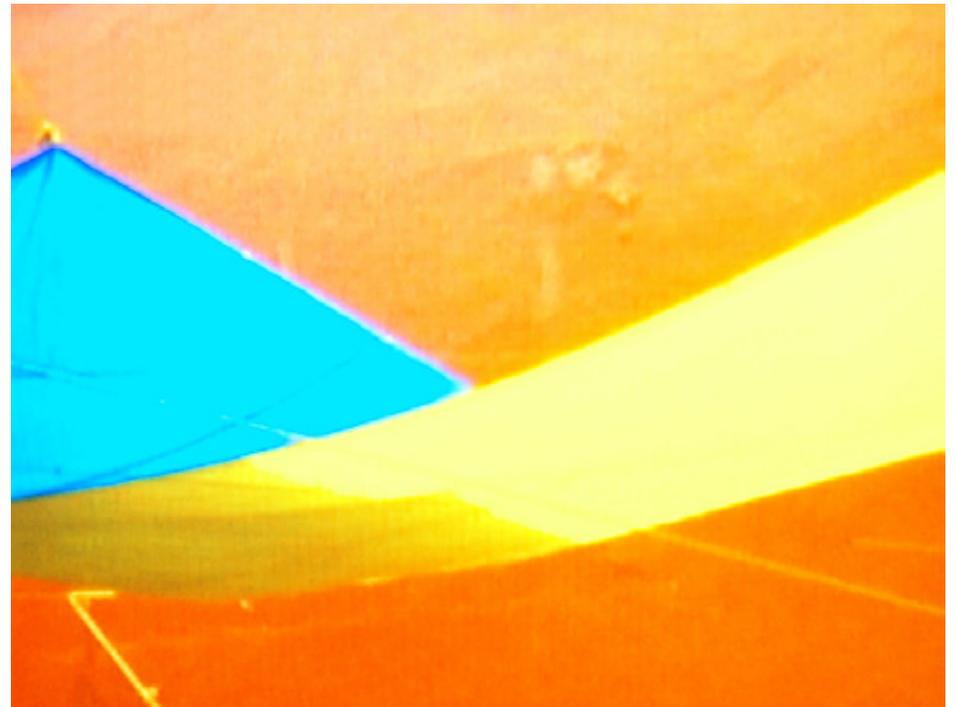
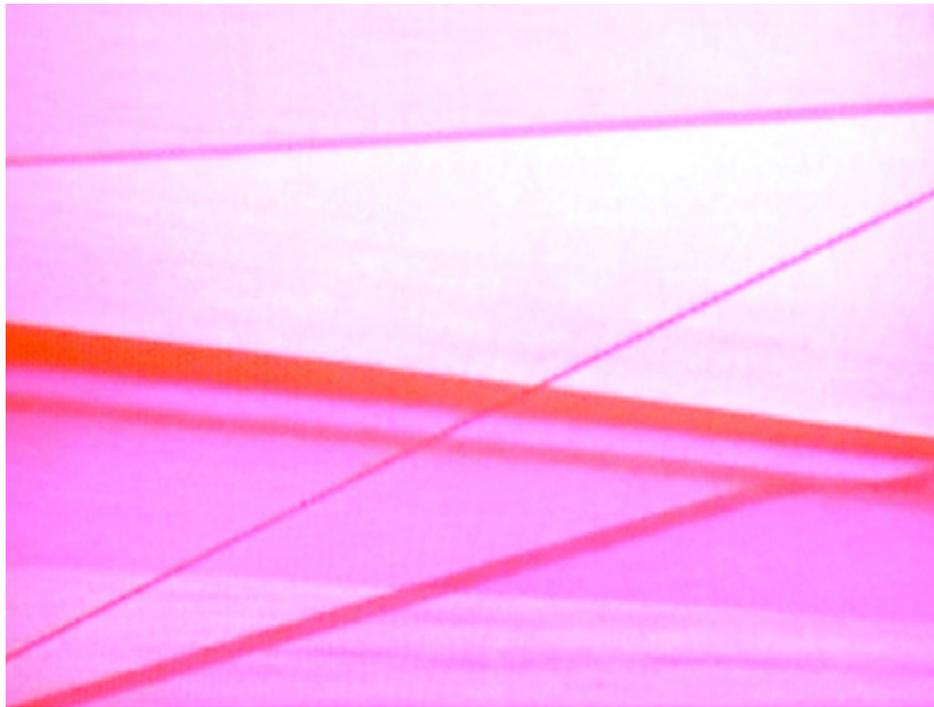


Peiote, 2007
formato de captação: super 8
formato de exibição: vídeo HD
edição de 5 + 1 PA
4'10"

sin peso 2006

Nesse curta, o protagonista é o ar. Esse elemento fundamental para nossa vida aparece capturado em duas manifestações nas ruas da Cidade do México. A primeira delas é da ordem do visível: as lonas coloridas dos toldos de comércio que tremulam com o vento. A segunda, é auditiva, apresentando-se pelo canto, a modulação do ar pelo aparelho vocálico, daqueles que se abrigam na sombra dos toldos.





Sin peso, 2006
formato de captação: Super 8
formato de exibição: DV
edição de 100
6' em loop

atrás dos olhos de oaxaca 2006

Em uma viagem pelo estado mexicano de Oaxaca, Cao Guimarães faz registros da paisagem e comunidades em que passa. Ao encontrar um menino em um dos lugares nos quais passa, empresta a câmera para que ele possa também reunir as imagens do mundo em que habita. O filme surge do diálogo entre esses dois olhares, do observador externo e do interno.

Atrás dos Olhos de Oaxaca, 2006
super 8 / DV
edição de 5 + 2 PA
8'20"

quarta feira de cinzas 2006

Feito em parceria com a artista Rivane Neuenschwander, o vídeo apresenta com leveza a melancolia típica do dia que encerra as festividades do carnaval. Nas imagens, vemos alguns confetes multicoloridos moverem-se lentamente sobre o chão. Percebemos então que eles estão sendo carregados por formigas em direção ao formigueiro. Esses pequenos insetos mantêm viva a tradicional festa brasileira a partir de sua coreografia que faz conviver o trabalho e a festa, a dimensão coletiva e individual.





Cao Guimarães e
Rivane Neuenschwander
Quarta-feira de cinzas, 2006
HDV / DV
6"

da janela do meu quarto 2004

O vídeo capturado da janela do andar superior de uma casa registra a interação entre duas crianças na chuva. Segundo o curador Moacir dos Anjos: “na situação filmada e desacelerada posteriormente, certas se desfazem na lama onde elas [as crianças] rolam entre zangadas e satisfeitas e em que nada se sustenta por tempo suficiente para se saber sua exata natureza.”







concerto para clorofila 2004

A natureza é o tema desse poético vídeo. Contudo, Cao Guimarães não a aborda pelo ponto de vista tradicional e distanciado da paisagem. Pelo contrário, ele busca se aproximar, integrar-se na vegetação, sem a rigidez da racionalidade científica. A natureza então torna-se forma, cores, linhas, manchas e sombras que contam uma narrativa própria. O curador Moacir dos Anjos considera que “talvez em nenhum outro trabalho [Guimarães] tenha capturado uma paisagem com tanta atenção e foco como o fez em seu *Concerto para clorofila*. Captadas em bosque de flora exuberante, as imagens examinam, com evidente cuidado e afeição, detalhes que a uma visada mais ligeira passariam despercebidos.” A música que entrelaça os planos filmados foi composta e interpretada pelo próprio artista.

Concerto para Clorofila, 2004
super 8 / DV
edição de 6 + 1 PA
7'25''

nanofania 2003

Nanofania é uma sinfonia visual para os pequenos fenômenos que nos rodeiam. Ao fundo, uma pianola de brinquedo cria a atmosfera que costura a transição cadenciada entre as imagens de acontecimentos quase imperceptíveis, seja pela sua dimensão, efemeridade, precariedade ou por sua banalidade.





coletivo 2002

Letreiros de ônibus, também conhecidos como coletivos, se sucedem, por vezes se sobrepondo, na tela. Os nomes que apresentam são aqueles de ruas e bairros, mas esses, remetem também a nomes pessoais. Assim, Cao Guimarães entrelaça destino e passageiro, espaço e sujeito, o coletivo como meio de transporte e como a soma de indivíduos.

inventário de raivinhas 2002

Como o próprio nome dispõe, o filme é uma coleção de pequenas raivas, de irritações que permeiam nossa cotidiano, tais como uma chave que não encaixa na fechadura, os fiapos de uma manga que insistem em se prender entre os dentes, a tentativa de fazer passar uma linha pelo buraco da agulha, entre outras. Por mais que possamos nos projetar nessas situações, não deixamos também de achá-las cômicas e quase banais quando assumimos o papel de espectadores dessas cenas.



Inventário de raivinhas, 2002

DV/ Cor
edição de 6 + 1 PA

11'

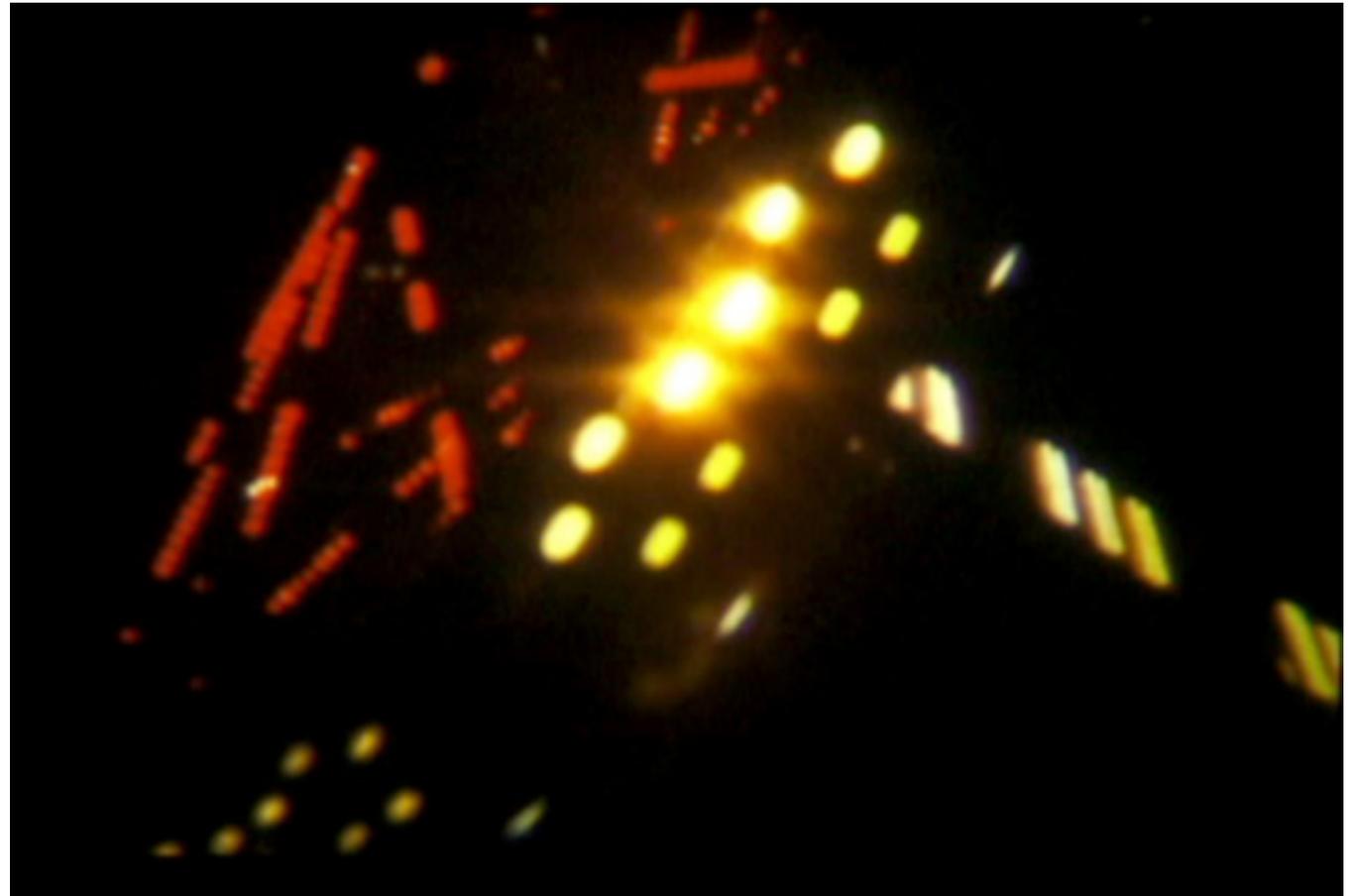


histórias do não ver 2001

Nesse projeto, Cao Guimarães busca experimentar o mundo pela obliteração daquele que é o nosso principal sentido: a visão. Para isso, ele convida pessoas para o sequestrar, levando-o para diferentes lugares. Segundo o artista, ele “queria sentir o mundo por meio dos outros sentidos que não a visão. Queria cheirar, ouvir, tocar e provar o mundo. Cansado das imagens, resolvi suprimi-las, para registrá-las enquanto não as via. Fotografei todas as realidades dos ‘sequestros’ não pelo que via, mas pelos estímulos do que cheirava, ouvia, tocava e comia. Um projeto que pronunciava a destituição do sentido tirânico da visão. Uma revolução dos outros órgãos sensoriais. Uma marcha com bandeiras nasais, digitais, gustativas e auditivas.” O resultado dessa empreitada são: um vídeo, as imagens fotográficas e uma publicação documentando também com textos do artista essa experiência.

hypnosis 2001

Um parque de diversões filmado a distância, durante a noite, transforma-se em um deslumbrante balé de luzes em movimento. A imprecisão do foco cria a impressão lísergica de formas em constante transformação. O efeito hipnótico se dá por esse balé sedutor de luzes coloridas, filmadas a distância, ao som de repetitivo da trilha sonora no piano, evocando o fascínio que esses brinquedos exerciam sobre nós na infância.





word world 2001

“As palavras do título do trabalho – escritas em pequenos pedaços de papel – são carregadas por formigas como se fossem minúsculos estandartes: “palavra” e “mundo”. Ao se cruzarem em meio às incessantes tarefas ordinárias com que se ocupam em chão de pedra e areia, os insetos fazem com que os termos, quase homônimos em inglês, rocem fisicamente uns nos outros, por vezes sugerindo significados conjugados: palavra-mundo, mundo-palavra”, segundo o curador Moacir dos Anjos.

sopro 2000

Uma frágil bolha de sabão é a protagonista desse curta. Sua forma translúcida serve como fina membrana entre interior e exterior, entre conter e ser contida pelo mundo. Flutuando, ela percorre a paisagem, sempre na tensão de se dissolver de uma vez por todas.





**between – inventário
de pequenas mortes 2000**

“No granulado escuro do super 8 que usa, o artista captura cenas prosaicas da natureza e de dentro de casa, espaços diversos onde coisas fixas e animadas se embatem nesse jogo contínuo de ir e ficar. A morte entendida em sua dimensão mais desimportante e onipresente nas vidas, como o que está entre cada movimento realizado. Morte como engrenagem de qualquer mudança, motor do tempo que passa.” Como a descrição do curador Moacir dos Anjos nos mostra, esse filme de Cao Guimarães é uma abordagem sobre o tempo a partir da ideia de perenidade, de desaparecimento e morte.



longa metragem



o homem das multidões 2013

A solidão da vida contemporânea em áreas metropolitanas, já havia sido abordada por Cao Guimarães na década anterior, em um de seus primeiros longas, *Rua de mão dupla* (2002). Feito em parceria com Marcelo Campos, *O homem das multidões*, centra-se nas figuras de Juvenal e Margô, ambos funcionários do metrô de Belo Horizonte, espaço de passagem e confluência de milhares de pessoas cotidianamente. É justamente em meio à essa aglomeração que vemos um delicado olhar sobre a solidão e as relações interpessoais nas grandes cidades. O título também nos remete ao conto, de Edgar Allan Poe que, já atento às transformações da vida moderna, narra as possibilidades do indivíduo desaparecer em meio à massa.



O Homem das Multidões, 2013
filme longa metragem digital Full HD
95'

elvira lorelay – alma de dragón 2012

Esse longa metragem sintetiza o encontro de Cao Guimarães com uma cartomante no Uruguai. Há aí o entrelaçamento entre as práticas da criação e da adivinhação. Ambas se valem da imaginação, da leitura e criação de imagens, da reverência ao passado e na projeção de um porvir.



otto 2012

Esse longa metragem é uma espécie de diário em que Cao Guimarães acompanha o processo de gravidez de sua mulher e o nascimento de seu filho. Segundo o curador Moacir dos Anjos, esse filme é o “registro da gestação de um filho pelo lado de fora, pelas beiras e bordas. Registro de intuições e de rastros de um tempo ainda por vir, em inversão afetiva da cronologia”. O artista encontra no filme uma possibilidade de participar, de forma poética, desse acontecimento do universo feminino.





ex isto 2010

Ex isto é baseado em *Catatau*, livro em que Paulo Leminski – um dos grandes nomes da poesia brasileira da segunda metade do século XX – explora as possibilidades experimentais da prosa. A premissa do livro baseia na hipótese ficcional do filósofo René Descartes – um dos principais nomes do pensamento moderno ocidental, conhecido pela máxima “penso logo existo” (*Cogito ergo sum*) – ter visitado o Brasil na época de sua colonização, entrando em contato com a natureza exuberante do País, seus habitantes e costumes, assim como suas ervas psicotrópicas. Na adaptação de Cao Guimarães, o ator João Miguel encarna o filósofo francês em sua tentativa de criar um pensamento racional em um mundo novo, completamente estranho.

andarilho 2006

Esse longa metragem de Cao Guimarães centra-se na figura do andarilho. Essa personagem, ao colocar-se sempre em movimento, expressa o impulso por transformação constante, assim como a transitoriedade de estruturas, a efemeridade das experiências, e principalmente sobre a relação entre caminhar e pensar como modos de deslocamento. Para isso, Guimarães conjuga no filme a amplitude da paisagem com a desenvoltura do andarilho em proclamar, com autonomia, suas opiniões sobre os mais diversos assuntos.







acidente 2006

Acidente é um filme poema de Cao Guimarães em parceria com o artista Pablo Lobato. Na tela, cria-se uma relação poética a partir do nome de 20 cidades do estado de Minas Gerais, como em: “Heliadora/ Virgem da Lapa/ Espera Feliz / Jacinto Olhos D’Água”. Se a própria junção de nomes é capaz de evocar uma figuração onírica em nossa imaginação, as imagens que se sucedem diante de nossos olhos não deixam de ser potentes em sua delicadeza. O filme torna-se um retrato sensível dessas cidades, de suas paisagens, costumes e habitantes, em que acontecimentos banais, ao se relacionarem com o poema apresentado, deixam entrever a inegável beleza do acaso.



a alma do osso 2004

O eremita, assim como o andarilho, são figuras recorrentes no trabalho de Cao Guimarães, pois expressam uma postura de profunda contemplação que também se faz presente no trabalho do artista. Esse filme silencioso apresenta o ermitão Dominginhos, então com 72 anos, e seu cotidiano em uma caverna. A princípio, suas ações e gestos diários se distanciam dos nossos, ainda que ambientados em um lugar que nos pareça estranho. O que parece instaurar a diferença entre esse senhor e nós é o protagonismo da fala em nosso mundo acelerado e compartilhado.





rua de mão dupla 2002

Esse longa de Cao Guimarães parte de uma premissa simples: pessoas que não se conhecem, trocam de casa pelo período de 24 horas. Na posse de câmeras de vídeo, elas tinham a liberdade de filmar aquilo que lhes interessasse, criando um retrato do outro, do dono da casa, a partir dos elementos que lhe chamavam a atenção nesse universo particular e íntimo que é o lar. Ao fim, cada um também dava um depoimento pessoal sobre a imagem mental que havia feito desse outro. O que está em jogo, justamente, são as relações entre presença e ausência, identificação e diferenciação, olhar e ser olhado.

Rua de mão dupla, 2002
DV / cor
edição de 3 + 2 PA
75'



Rua de mão dupla, 2002
DV / cor
edição de 3 + 2 PA
75'

o fim do sem fim 2001

“O fim do sem-fim, filme que anota as imagens e falas de pessoas que se ocupam de ofícios e práticas que gradualmente perdem a sua pertinência em um mundo que a mede somente em termos de eficácia mercantil – barbeiros, cordelistas, profetas, parteiras, fotógrafos lambe-lambes, entre outros vários.” Com essas palavras, Moacir dos Anjos descreve esse documentário em que Cao Guimarães afirma a atualidade de profissões que se acreditavam ultrapassadas devido a mudanças tecnológicas e culturais.



nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art